



## O PAPEL DO PROFESSOR COMO FORMADOR DE ALUNOS LEITORES: TEXTO E LEITOR CONSTRUINDO CONHECIMENTO

**Bruno Pereira dos Santos<sup>1</sup>**  
**Marcelo Lopes da Fonseca<sup>2</sup>**  
**Adalgisa da Cruz Alves<sup>3</sup>**

**(1,3) Graduado em Letras – Universidade Sorocaba**  
**(2) Programa de Pós- Graduação em Educação - Universidade Sorocaba**

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar como a formação de alunos leitores se articula ao papel do professor e de suas práticas pedagógicas. Neste sentido, está sendo desenvolvido um estudo que relaciona a formação do professor e sua atuação no ensino de literatura. Entendendo a literatura como fenômeno de comunicação possibilitando uma relação com a realidade do aluno (ou aproximar-se do seu contexto cultural) para que sua leitura seja significativa.

As inquietações que levaram a desenvolver este trabalho tiveram como justificativa a utilização de obras literárias e a relação com sua formação e seu trabalho docente. Como metodologia de trabalho foi utilizada a prática pedagógica que valoriza “a formação do leitor literário”, com a pré-exposição da obra pela criatividade do docente, tendo como referencial teórico básico a obra de Teresa Colomer. Os estudos iniciais apontam para o uso da didática docente na valorização e interação entre texto e aluno na construção do conhecimento.

Por outro lado, o presente estudo aponta para a necessidade de pesquisas sobre a relação entre a formação docente e seu papel na mediação entre discentes e obras literárias.

Palavras-chave: Formação Docente, Aluno Leitor, Conhecimento.

### Introdução

Os atuais espaços sociais (como escolas, bibliotecas públicas e centros culturais) que possuem seu foco de trabalho na organização e apropriação dos códigos de linguagens têm como uma de suas funções principais o estímulo ao estabelecimento da comunicação da linguagem escrita entre os seres humanos. Neste sentido, a espécie humana possui uma habilidade singular: a capacidade de

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



expressar-se “através da representação simbólica” e de “comunicar-se através de um sistema de signos” elaborados socialmente, que chamamos de língua, e que têm sua “realização concreta nos diferentes atos comunicativos dos indivíduos” (COLOMER e CAMPS, 2002, p.11) decorrente de um processo historicamente e contextualmente criado, como referem Colomer e Camps (2002).

Durante milhares de anos, os homens e as mulheres se comunicaram oralmente por intermédio desses sistemas de signos, mas, ao longo da história, vários grupos sociais ampliaram suas possibilidades de comunicação com a invenção de sistemas de signos gráficos. As características desses novos códigos, tais como a estabilidade, a comunicação em um tempo e um espaço não imediatos ou a necessidade de uma aprendizagem específica para dominá-los, permitiram alcançar objetivos bastante diversos, desde o poder derivado da posse da palavra ou a segurança na transmissão de leis e ordens a terras distantes até a difusão em massa de conhecimentos. Foram justamente as variações produzidas com tais finalidades que condicionaram o acesso a diferentes grupos sociais à língua escrita nas várias culturas e ao longo da história (COLOMER e CAMPS, 2002, pp.11-12).

Neste sentido, a história assim considerada, a “lectoescrita tem uma existência relativamente recente, entre os cinco mil e os três mil últimos anos, segundo os critérios de definição que se adotem” (COLOMER e CAMPS, 2002, pp.11-12). Mas também se podem considerar a língua escrita da perspectiva mais geral de sua caracterização básica como um instrumento de relação indireta entre o ser humano e o mundo, e, num contexto contemporâneo, entre o homem letrado e o universo da comunicação. Portanto, são os sinais gráficos, num contexto atual, os encarregados de representar esta relação de forma simbólica e de regulá-la socialmente através de sua elaboração e transmissão cultural. “A função do código de representação define aquilo que constitui a própria essência da língua escrita: um sistema de mediação entre o ser humano e a realidade por meio de sinais determinados” (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 12).

Considerando-se, portanto, a importância da língua escrita em uma sociedade que valoriza a capacidade de representar simbolicamente a realidade e de comunicar-se através de um sistema de signos, o presente estudo, realizado no contexto de uma escola pública de Sorocaba, teve como foco o reconhecimento do papel do professor

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



como formador de alunos leitores de códigos pela articulação dos saberes pedagógicos com a construção de conhecimento. Assim, o ensino da língua escrita pode discorrer sobre a relação sobre o papel do professor na relação entre o texto e leitor na construção do conhecimento.

Este trabalho tem como objetivo analisar como a formação de alunos leitores se articula ao papel do professor e de suas práticas pedagógicas. Neste sentido, está sendo desenvolvido um estudo que relaciona a formação do professor e sua atuação no ensino de literatura, esta entendida como fenômeno da comunicação que possibilita a relação entre a linguagem escrita nos materiais didáticos (dentre eles, as obras literárias) da escola e as ações do contexto sócio-cultural do aluno. Nesta relação, “texto e leitor interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas” (COLOMER, 2003, p.96).

Para Iser (1976) todo texto apresenta um efeito potencial, onde o “leitor implícito” é visto como construção teórica diferente do leitor real, ou seja, através de uma imagem da realidade chamada por Iser (apud COLOMER, 2003) de “repertório”, onde estratégias precisam ser realizadas para que haja desenvolvimento do ato de leitura “utilizadas tanto na realização do texto, por parte do autor, como nos atos de compreensão do leitor” (ISER, apud COLOMER, 2003). Neste sentido, elencamos a relação entre texto e leitor no título deste trabalho como uma forma de apresentar o foco de nossa pesquisa, procurando-se estabelecer uma relação possível entre a leitura e a coerência interpretativa, significativa entre os seus signos, articulando “expectativas do leitor com a informação armazenada em sua memória” (COLOMER, 2003, pp. 95-100). Portanto, como busca comunicativa possível do autor da obra com o leitor, e como ação pedagógica articulada dos professores, no fomento a ação leitora significativa.

As inquietações que levaram a desenvolver este trabalho tiveram como justificativa a necessidade de reflexão sobre as atuais formas de concepção e utilização dos espaços escolares, tendo em vista um ensino que possa valorizar a formação do aluno em suas competências leitora, escritora e relacional. Neste sentido, a otimização dos espaços escolares pode colaborar com o desenvolvimento das duas funções básicas da linguagem: a comunicação e a formação do pensamento generalizante. Estes espaços escolares poderiam ser melhor aproveitados para constituírem-se, num contexto pós-moderno, em “territórios de transição”, marcados por contextos de uma nova cartografia traduzidos na transitoriedade, no deslocamento, fluxo e aceleração de ações humanas (BARBOSA e AMARAL, 2008, p.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

### Anais Eletrônicos



20), o que, aparentemente, não tem sido observado durante o ensino das disciplinas que utilizam-se apenas do currículo oficialmente proposto como forma de desenvolvimento humano (LIMA, 2008). Portanto, faz-se necessária uma utilização racional dos espaços escolares e dos tempos pedagógicos a eles associados, ações que decorrem de uma boa formação de professores e de uma boa prática pedagógica, no contexto escolar.

Como metodologia de trabalho foi utilizada a prática pedagógica que valoriza a “formação do leitor literário” (COLOMER, 2003), com a pré-exposição da obra pela criatividade do docente, tendo como referencial teórico básico a obra de Teresa Colomer, bem como, análises críticas e sugestões de propostas pedagógicas contidas na obra da consultora do Ministério da Educação, a pesquisadora Elvira Souza Lima. Os estudos iniciais apontam para o uso da didática docente na valorização e interação entre texto e aluno na construção do conhecimento.

Por outro lado, o presente estudo aponta para a necessidade de pesquisas sobre a relação entre a formação docente e seu papel na mediação entre discentes e obras literárias.

### **Justificativa**

O presente trabalho que se encontra em andamento tem como proposta salientar a importância da formação docente no estímulo à formação de alunos leitores, buscando reflexões sobre sua prática em sala de aula. Em outras palavras, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de uma reflexão que venha a estabelecer uma articulação entre a formação do docente e o papel do mesmo na relação pedagógico-didática com os alunos, tentando, portanto, entender como os atores do contexto escolar podem contribuir para a promoção do gosto pela leitura.

Não é uma tarefa muito fácil despertar no aluno a prática da leitura autônoma; entendendo que essa autonomia tem em sua premissa maior o papel do professor criativo que, por sua vez, precisa de uma formação básica, e também, de uma prática adaptada a seu contexto. É de suma importância, para a formação do aluno leitor, que a promoção da competência leitora seja de responsabilidade não apenas do docente da disciplina de Língua Portuguesa, mas de todos os professores que entendem como fundamental o estímulo à promoção e ao desenvolvimento desta competência, entendendo o sentido da palavra formação como responsabilidade social.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Por outro lado, entendemos que os professores têm, num amplo sentido, o desafio de buscar, dentro do processo educativo, formas criativas para cativar e atrair os alunos para obras contidas na biblioteca escolar através do gosto pela leitura.

Porém, dados resultantes das avaliações externas sobre o uso da competência leitora no ensino de literatura brasileira sugerem que as aulas oferecidas em escolas estaduais não têm produzido bons índices de aprendizagem nesta área. Os fatores que podem estar influenciando na produção desses resultados, aparentemente, relacionam-se à questão da formação dos professores e às formas como o conhecimento vem sendo construído em seu contexto escolar.

Talvez os docentes, de todas as disciplinas, ainda não tenham reconhecido o valor de seu papel sobre a importância ética e social da leitura e da interpretação de textos no desenvolvimento e aplicação da ampla cidadania.

Para que o professor trabalhe com o estímulo à leitura, em um contexto de escola estadual, pode usar de recursos pedagógico-didáticos que promovam diferentes maneiras de uso, que incluam a criatividade e a adaptação, nas formas de apresentação dos conteúdos curriculares em seus diversos contextos. Talvez as maneiras como os conteúdos sejam oferecidos em sala de aula não apresentem-se, aparentemente, tão atraentes quanto às demandas locais.

Dentre as metodologias elencadas no ensino de língua portuguesa que relacionam-se diretamente ao estímulo da competência leitora, destacam-se duas possibilidades opostas na forma de ensino: os conteúdos de literatura oferecidos de forma tradicional, pelo método da educação bancária (FREIRE, 1996), onde ocorre um afastamento do aluno à ação leitora pela deposição de conteúdos sem sua devida reflexão. Neste sentido, no ensino tradicional, problemas de diversas ordens surgem como, por exemplo, a relação ente as formas como o aluno é ensinado e os métodos pelos quais ele é avaliado. Portanto, as avaliações mais frequentes sobre leitura na escola se centram nas provas de velocidade leitora e nos questionários fechados de perguntas de compreensão sobre um texto. As provas de velocidade são provavelmente o instrumento (equivocado) que se percebe com mais clareza como estritamente avaliador por parte dos professores. Segundo Colomer e Camps (2002) algumas avaliações baseadas na velocidade de leitura em voz alta ofereceram a vantagem de obter com facilidade dados claros e objetivos, que respondiam, além disso, ao aspecto leitor que a escola sempre entendeu como índice importante de progresso na leitura a partir da aprendizagem do código, como citam:



(...) a definição do saber ler de um aluno nos cursos da educação básica muitas vezes reduz-se a saber quantas palavras por minuto consegue ler; por outro lado, os objetivos das programações oficiais assinalaram durante alguns anos o número mínimo que devia conseguir para poder vencer a etapa. Apesar dessas vantagens, a consciência dos professores de que um aluno pode oralizar rapidamente **sem entender o que diz o texto** (grifo nosso) fez com que utilizassem também exercícios para controlar o grau de compreensão da leitura (COLOMER e CAMPS, 2002, p. 173).

Neste sentido, os mesmos autores (op. cit.) referem que nesse tipo de avaliação no campo educativo é limitado, já que reside apenas no fato de dar consciência aos alunos do que se espera deles, ou nos problemas decorrentes a realização de provas de leitura em voz alta, nas quais a consciência de uma audiência pode estimular ou inibir enormemente o caráter leitor de cada um.

Por outro lado, o ensino da competência leitora que articula-se com a com a teoria do teatro como espaço libertador, a exemplo do “Teatro do Oprimido”, do “Teatro Popular”, do “Teatro Debate”, do “Teatro Invisível” (BOAL, 1982, p. 9) pode oferecer uma outra perspectiva de ensino baseada em uma interpretação dos textos literários, alterando-se a expressão da linguagem escrita (contidas nos livros de literatura) para linguagens corporais, pelo uso de exercícios e jogos de expressão, ou seja, estimular o aluno a ler livros da biblioteca escolar com o uso das linguagens gestuais, faciais, sonoras e corporais, de uma maneira cativante e criativa, onde o teatro de improviso possibilita o fomento ao interesse pela leitura de diversos tipos de obras (literárias ou não).

A reflexão realizada pelos autores deste trabalho aponta para a seguinte questão: Como são permeadas as ações que contemplam a promoção da competência leitora, no contexto dos espaços escolares de ensino público estadual? Por outro lado, os dados produzidos pelas avaliações externas destas mesmas escolas sugerem que pode estar havendo um problema na formação dos professores, consequentemente alterando as formas de abordagem dos conteúdos e das metodologias de ensino. Neste sentido, as ações de incentivo à leitura podem não estar sendo amplamente abordadas, implicando numa redução de interesse do leitor para com as obras que utilizam-se da linguagem escrita. Neste contexto, podemos refletir sobre a importância da formação continuada no ensino de literatura, assim como, sobre os efeitos pedagógicos decorrentes desta articulação.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Assim sendo, a presença de um aluno não leitor, numa escola que não forma leitores, passa a ser um tema complexo e de grande relevância ética e social. Se uma das funções da escola é a formação plena do cidadão, a questão da formação de leitores deveria ter um tratamento especial, em todas as escolas, devendo ser entendida, em todas as instâncias como fundamental e prioritária.

É importante que os docentes possam trabalhar em equipe quando o tema educacional refira-se à formação de alunos leitores. É um trabalho que deve ser realizado de forma criativa (e não tradicional) que ofereça possibilidades de entendimento e de cultivo à leitura de modo claro e lúdico, mostrando ao aluno que a leitura possibilita a análise e interpretação crítica, oferecendo oportunidades reais para a compreensão do mundo. Assim, segundo Pernambuco (2000, p. 83), a escola deve cumprir seu papel social, pois esta não é “a escola que forme o gramático ou o escritor, mas é a que crie condições para que todos os alunos se tornem capazes de usar a língua para a produção de suas mensagens, com consciência de seu eu e de seus limites diante do próprio discurso e do outro.” Podemos entender, portanto, que a escola tem a responsabilidade de formar alunos que sejam capazes de usar a língua portuguesa com competência e com o uso da língua, oferecendo oportunidades para que todos possam expressar seus sentimentos e suas ideias. Em outras palavras, que todos possam, por meio da língua, realizar seus processos libertários e possam falar de seu contexto sócio-cultural, ou seja, da vida e do espaço que pertencem, que possam mostrar seus potenciais de interpretação e criação. Talvez não serão gramáticos ou grandes nomes da literatura, mas, certamente, buscarão uma sociedade mais justa e saberão se expressar em seus textos. Não podemos, por outro lado, conceber os espaços escolares (salas de aula) como únicos locais onde possa ocorrer a aprendizagem da literatura.

Por outro lado, os dados referentes às avaliações externas sugerem as formas como os conteúdos curriculares são tratados pedagógica e didaticamente podem diferir de acordo com a formação dos professores, diferindo concepções de aprendizagens dos alunos, apesar de sua diretriz política de universalização dos conteúdos. Entendemos portanto que o trabalho deve ser mediado pelo professor em todas as instâncias do ensino básico (em todos os ciclos de aprendizagens). A literatura, no ensino fundamental, possui uma perspectiva em que “a criança estará se formando como leitor [...] construindo seu próprio saber sobre o texto e a leitura.” (KLEIMAN, 2001, p. 9). Essa construção complexa, laboriosa e progressiva precisa de tempo para o seu desenvolvimento pleno, o que, aparentemente, não tem sido



respeitado no diagnóstico realizado em período anterior ao início de nosso trabalho. Por outro lado, o uso do teatro de improviso com trechos de obras literárias na sala tem despertado o interesse do aluno a ler o livro que está sendo trabalhado por meio da encenação. Não descobriu-se ainda uma fórmula ideal de ensino, mas este deveria despertar no aluno o interesse pela leitura. Colomer (2003, pp.10-11) sugere, neste contexto, a importância da formação de alunos leitores, tendo em vista diversas perspectivas (psicológicas psicanalíticas e cognitivas, literárias como fenômeno comunicativo e como crítico, sociais contemporâneos e ideológicos, didática infantil e juvenil), relacionando os gêneros literários ao grau de autonomia das narrativas.

Importante a abordagem estabelecida por Certeau (2012, p. 48) que pode res estabelecida entre autor e obra, de forma dinâmica, revela que uma “fina película do escritor se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.” Se o autor de uma obra olha o mundo e o meio em que vive e consegue interpretá-lo, este código, aparentemente decifrado e traduzido pode oferecer-se como recurso à transformação de texto impresso em obra literária lida, essa compreensão deve acolher o aluno para a ação leitora. Neste sentido, a literatura “...é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” (CANDIDO, pág. 84). Da mesma forma, com base no que nos pede o Currículo do Estado de São Paulo uma orientação válida que diz:

O professor precisa garantir em seu planejamento que o texto literário entre como objeto de análise e interpretação, mas também como prática social, resgatando a dimensão fruitiva da literatura. O aluno deve desenvolver-se como leitor autônomo, com preferências, gostos e história de leitor. Assim, seja qual for à tipologia ou gênero em estudo, o texto literário pode e deve ser trabalhado permanentemente, uma vez que é elemento fundamental na construção da competência leitora e na formação do hábito leitor do estudante. (SÃO PAULO, 2010, pp. 35-36).

### **Objetivos**

Fazer um breve estudo sobre o ensino de literatura em sala de aula e, sobre sua importância no contexto escolar e social do aluno. Entender esse ensino não somente dentro da sala, mas pensar a escola como um conjunto de espaços que sirvam para o ensino literário. Estudar a possibilidade de otimização do uso da





biblioteca, durante o período de recesso escolar, pela organização e distribuição de parte das obras do acervo. Mostrar que podemos usar os diversos espaços escolares para a apresentação do cênica com personagens dos livros fornecidos pelo acervo da biblioteca, relacionando o teatro de improviso com o uso dos espaços escolares (o palco do pátio, sala de vídeo, sala de data-show e corredores) na formação literária.

### **Metodologia**

Estudo de caso sobre “O papel do professor como formador de alunos leitores: texto e leitor construindo conhecimento” em uma Escola Pública Estadual de Sorocaba, pela análise do diário de bordo de três professores, em exercício no início do ano de 2014 (sendo o primeiro graduado em Letras, o segundo graduado em Ciências e mestre em Educação, o terceiro graduado em Letras). Foram observados os métodos de ensino que, aparentemente, articulam o uso otimizado dos espaços escolares com didáticas de ensino valorizam a formação das competências leitora, escritora e interpretativa. Observa-se uma metodologia na qual professores fazem um levantamento do acervo da biblioteca, organização das equipes, distribuição das obras do acervo em período anterior ao recesso, período em que o uso da biblioteca torna-se indisponível. Observa-se o empenho dos docentes em oferecer dados das obras (vídeos, textos, comentários, postagens de internet) em períodos que antecedem a leitura. Observa-se a apresentação com o uso do teatro de improviso.

### **Análise dos resultados**

A análise do diário de bordo de três professores, associado a análise de fotos e vídeos produzidos pelos alunos sobre suas apresentações sugerem aparentemente que o papel do professor seja fundamental na formação de alunos leitores e no fomento (no sentido de oportunizar o desenvolvimento de habilidades de nível avançado de conhecimento das competências leitora e relacional). O estudo aponta para a possibilidade distribuição de livros e o respectivo uso (leitura e interpretação) de obras do acervo em períodos de indisponibilidade. Sugere o uso de teatro de improviso na apresentação literária.

### **Referências**

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



- BARBOSA, A. M., AMARAL, L. **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora SENAC São Paulo – Edições SESC SP, 2008.
- BOAL, A. **200 Jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 47.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDAU, V. M. **Formação continuada de professores**: tendências atuais. In: CANDAU, V.M. **Magistério**: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 12. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.
- CEREJA, W. R. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Arte de fazer, 18 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual/ Tradução Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2003.
- DEMAILLY, L. C. **Modelos de formação contínua e estratégias de mudança**. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, G. **A formação e a profissionalização do educador**: novos desafios. In: ISER, W. Der Akt des Lesens. Theorie asthetischer, Munich. Fink. Apud COLOMER, T. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.
- KLEIMAN, Â. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 12. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- LIMA, E. S. Currículo e desenvolvimento humano. In BEAUCHAMP, J. et. al. (Orgs.) **Indagações sobre o currículo**. Brasília. Secretaria da Educação Básica, 2008..
- MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- MOISÉS, M. **Guia Prático de Análise Literária**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- NÓVOA, A. **Profissão professor**. Lisboa: Porto Editora, 1992.
- \_\_\_\_\_. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



PENA, G.A.C. **A formação continuada de professores e suas relações com a prática docente**, 1999. 200 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de educação , Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

PÉREZ, G. A. **O pensamento prático do professor – a formação do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, A. (Coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PERNAMBUCO, J. **Crítica literária e ensino de literatura**. Revista Fac. Claretianas. Batatais, n. 9, p. 83- 89, jan./dez. 2000.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Códigos e linguagens**. São Paulo: SEE, 2010.

SILVA, T.T. e GENTILI, P. **Escola S.A.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.